



Vasco, Vicente, Manuel, Margarida, Constança, Maria do Carmo, Margarida, Afonso, Zé Maria e Marta

Editorial

Trocado por miúdos

A crise, se trocada por miúdos, tem, de facto, muito pouca relevância, ou relevância zero, na felicidade das crianças. Os mais novos, do cimo da sua irrepreensível e inabalável capacidade de rir e de ser feliz a partir do quase nada, não fazem, como os adultos, certo tipo de contas à sua vida. As suas equações são simples e eficazes: se dormimos bem, se temos os pais, irmãos e amigos por perto, se nos sentimos confortáveis, se nos é permitido brincar até à exaustão, então está tudo bem. A corda com que saltam tanto pode ter sido feita pelo avô, a partir de uns punhos de madeira limados com carinho, como ter sido comprada numa loja muito *trendy* em Nova Iorque, numa das viagens dos pais. Para eles, a felicidade reside no saltar à corda. Não que as crianças sejam tolas e estejam alheias à importância que o dinheiro tem, principalmente porque leem, com argúcia e perspicácia, as preocupações dos crescidos, apenas não lhe atribuem, ao dinheiro, qualquer importância, muito menos colocam a sua felicidade à caprichosa mercê deste. O valor do dinheiro na contabilidade da felicidade cresce na proporção exata do seu próprio crescimento e na adoção dos padrões dos adultos, em que os bens materiais começam a pesar na adição total do deve e haver da felicidade. Mas enquanto são crianças, não há a menor relação entre a situação económico-financeira dos pais e o grau de felicidade da pequenada. Uma constatação que os próprios pais, mais ou menos aten-

tos, poderão fazer, mas que tem, agora, a certificação académica de um estudo acabado de sair e divulgado no início de abril, levado a cabo, no âmbito da sua tese de doutoramento, pela investigadora Liliana Ferreira, professora da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa, e que conclui que 90% das crianças são felizes (escolhendo o grau 10, numa escala de 1 a 10), sejam elas pobres ou ricas, não obstante as agruras financeiras que se abateram recentemente sobre o universo dos adultos. Enfim, o estudo (que tomou como universo crianças que frequentam entre o terceiro e o sexto anos de escolaridade) chega a muitas outras conclusões, mas aqui, esta, a óbvia indiferença das crianças no que toca aos bens materiais, é mais do que suficiente para nos arrancar sorrisos de fé e felicidade. Na luta diária dos pais sem emprego ou com baixos rendimentos, desgastante e aflitiva, como facilmente se pode imaginar, numa época em que ninguém está imune a esse flagelo, há que, em casa, não perder o norte, numa bússola de afetos em que a felicidade e o dinheiro, tal como o Sol e a Lua, jamais devem encontrar-se. Nestas férias, tome a criatividade como a sua mais-valia e recupere o prazer de viver e de rir das coisas mais simples da vida. Leve-os a acampar ou apenas monte uma tenda, improvisada que seja, no quintal da avó, ou no terraço do seu prédio, e ensine-lhes o jogo da carica, ou como fazer rodar um pião no asfalto.

Façam caminhadas pelas redondezas e organizem um herbário, ou partam pela cidade com um guia na mão e, na pele de turistas, descubram histórias inacreditáveis que o quotidiano apaga. Ensine-os a olhar com olhos de ver e, juntos, inventem, reinventem, construam e riam. Riam muito. Procurem ainda atividades gratuitas ou quase. Há imensas, tanto no campo como na cidade. Parte dessa tarefa, tomámo-la por nossa conta e deixamos-lhe nesta edição algumas propostas, muitas, para usar de rigor, de atividades *low cost* para que sejam umas férias felizes, em vez de caras. Deixe de conjugar o verbo gastar e ensine-lhes os verbos criar, renovar, recriar e inventar. Faça da sua casa um campo de férias. Mude rotinas e horários, dê-lhes a mão pela manhã e partam rumo à aventura, com o lanche na mochila e o coração cheio de desejos e de prazer pela descoberta. Invente com eles jogos de poupança em que ganha quem descobrir o maior número de coisas para fazer sem abrir a carteira. Ande de bicicleta, abra uma carpintaria na varanda lá de casa e construam e pintem a vossa própria prancha de *skimming*, vão à pesca, façam bonecas de pano, use a criatividade, sirva-se da felicidade, todos temos uma reserva dela, e troque esta crise por miúdos.

Marina Ribeiro
(mribeiro@mce.iol.pt)